

UMA ABORDAGEM MUSEOLÓGICA DO CONTEXTO URBANO

Maria Célia Moura Santos

"Ilhas de calma no turbilhão agitado da história, a quase totalidade dos nossos "museus de cidade" recompõem, num passado mítico e nostálgico, a ordem no caos urbano, oferece pressurosamente a leitura simplificadora e monovalente das contradições históricas - e assim educam."

ULPIANO BEZERRA DE MENEZES.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO

2 - CULTURA URBANA - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

3 - O CONTEXTO URBANO COMO OBJETO MUSEOLÓGICO - RECONSTITUINDO UM PERCURSO HISTÓRICO

4 - O MUSEU NO BAIRRO, O BAIRRO NO MUSEU: UMA PROPOSTA DE AÇÃO

5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

6 - BIBLIOGRAFIA

1. INTRODUÇÃO

A partir da década de 60 profissionais que atuam na área da museologia, influenciados pelo movimento em prol da democratização da cultura, iniciando na Europa, começam a repensar as ações desenvolvidas pelos museus na sociedade contemporânea, começando, desde então, um grande debate sobre a necessidade de transformação dessas instituições, no sentido de torná-las mais próximas das comunidades onde estavam inseridas. A ação museológica torna-se então mais próxima das demais práticas sociais globais e aponta para a necessidade de buscar novos caminhos que sejam trilhados a partir da ação conjunta de técnicos e grupos comunitários, tendo como objetivo maior o desenvolvimento social.

Desse FÓRUM de debates, percorrido ao longo de três décadas, participaram profissionais de diferentes países, tendo surgido, em contextos diferenciados, diversos projetos museológicos, com características comuns, fornecendo subsídios para a construção de uma "NOVA MUSEOLOGIA".

O Movimento da "Nova Museologia, no nosso entender, não pode ser analisado sem que façamos uma articulação entre seus pressupostos básicos e a produção cultural no contexto urbano do mundo contemporâneo, devido às suas próprias características e ao momento histórico do qual emergiu.

Nesse sentido, no presente trabalho apresentamos algumas considerações sobre cultura urbana, embasadas em estudos de alguns sociólogos e antropólogos para, posteriormente, abordarmos o contexto urbano, como objeto museológico, numa perspectiva histórica, apresentando, em seguida, uma proposta de museu didático-comunitário para o Bairro de Itapuã, na Cidade do Salvador, considerando-o como lugar de ação de forças sociais e como imagem, do momento presente, procurando entendê-lo através de uma perspectiva histórica.

2. CULTURA URBANA - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Fazendo uma análise sobre as evidências culturais no urbano, registradas na literatura relacionada ao tema, constata-se que a expressão "cultura urbana" aparece, originalmente, nos trabalhos realizados pela escola funcionalista e evolucionista da Escola de Chicago. Com os culturalistas dessa escola, a sociologia urbana passou a ser considerada como Ciência das novas formas de vida social, que surgem das grandes metrópoles. Neste contexto, Spengler¹ defende a tese de que o espírito de cada etapa histórico-social da humanidade corresponde a um quadro ecológico dado. Neste sentido, a cultura urbana estaria vinculada a uma cultura ocidental, que se manifestaria sobretudo neste parte do mundo, devido, no fundamental, ao desenvolvimento da urbanização.

Dentre as teorias mais marcantes que analisam a cidade como uma categoria social, destaca-se a que se encara como uma variável explicativa. Segundo Oliven², *"Sob esta perspectiva a cidade é vista como uma potência social capaz de gerar através de sua influência ou mais diferentes consequências na vida social"*, Wirth³, um dos mais destacados membros da Escola de Chicago, registra que o surgimento das cidades implicaria no aparecimento de uma forma de cultura caracterizada por papéis sociais transitórias e com fins instrumentais, inexistência de um controle social direto, diversidade e fugacidade dos envolvimento sociais, afrouxamento dos laços familiares e competição individualista, trazendo consequências para o processo econômico e para o sistema político. A segmentação das relações urbanas e o utilitarismo conduziriam à divisão do trabalho e desta, necessariamente, à economia do mercado. Como a densidade reforça a diferenciação interna, a coabitação, sem possibilidade de expansão real, resultaria, forçosamente, na selvajaria individual e na agressividade que se alastram na cidade. A cidade recebe um conteúdo cultural específico, e torna-se sua variável explicativa; a cultura urbana se propõe, então, como modo de vida.

As proposições básicas concernentes à cultura urbana foram então apontadas por Wirth, sendo que os demais estudos desenvolvidos sobre o tema, na maioria das vezes, não passam de variações das mesmas.

Robert Redfield e Milton Singer⁴, estudando o papel cultural da cidade, na mesma linha funcionalista, examinam as referências a **funções culturais e centros culturais**, encontrados em muitos estudos de cidades, realizados por geógrafos, sociólogos, historiadores e ecologistas. Sob esses aspectos, os autores incluem os Centros Religiosos, Educacionais, Artísticos e de serviços, distinguindo-os dos centros econômicos, administrativos, militares e funcionais. Segundo Schvasberg⁵, *"este uso do cultural também é limitado para fins de análise comparativa que o papel das cidades cumpre nas transformações da, mais ou menos integrada, vida tradicional e/ou convencional de uma comunidade"*, salientando que, através dos

referenciais apontados por esses autores, os centros políticos, financeiros, econômicos e de serviços, podem perfeitamente desempenhar tão bem um papel nestes processos quanto os chamados (limitadamente) centros culturais; estes diferentes tipos de centros e atividades são variavelmente combinados e separados, e é esta variedade de padrões que é da maior significância.

Como sustentação para a sua análise, Redfield e Singer recorrem a uma revisão histórica e comparativa. Registram que nas antigas civilizações os centros urbanos eram usualmente políticos religiosos ou político-intelectuais; no mundo moderno, eles são especialmente econômicos. O Templo, a Catedral, o Palácio Real e Forte são os principais centros simbólicos das Cidades Pré-Industriais. O "Central Business District" tornou-se a divisa simbólica do moderno Centro Urbano. Comentando sobre esta caracterização Schvasberg⁵ comenta que este simbolismo não é, certamente, uma designação completamente exata do que acontece na Cidade, ou pela qual se define, pois os centros eclesiais eram, também, em muitos casos, centros de comércio e de artesãos; por outro lado, registra o referido autor, *"o moderno "Central Business District" está suficientemente apto a conter (e de fato contém em uns tantos casos metropolitanos como Washington e São Paulo, por exemplo) Bibliotecas, Escolas, Museus, Arquivos, Óperas, Teatros, Igrejas e postos governamentais, além dos naturalmente esperáveis estabelecimentos mercantis e escritórios de negócios."*

Robert Redfield⁶, ampliando seus estudos, realiza pesquisas no México, e desenvolve a teoria do *continuum folk-urbano*, que está relacionada com as idéias de Wirth. Redfield registrava a existência de variações contínuas entre sociedades do tipo *folk* como:

"... pequena, isolada, analfabeta e homogênea, com um forte sentimento de solidariedade grupal. Os modos de viver estão convencionalizados naquele sistema coerente que chamamos de "cultura". O comportamento é tradicional, espontâneo, acrítico e pessoal; não existe legislação ou hábito de experimento e reflexão com fins intelectuais. O parentesco, seus relacionamentos e

instituições, são as categorias típicas da experiência e o grupo familiar é a unidade de ação. O sagrado prevalece sobre o secular; a economia é mais de status que de mercado".

Fazendo comparações entre pontos diferentes do seu *continuum*, relacionando com a sociedade *folk*, acima descrita, Redfield destaca que:

"... a vila camponesa quando comparada com a vida tribal, a cidade pequena quando comparada com a vila camponesa, ou a cidade quando comparada com a cidade pequena é menos isolada; é mais heterogênea; é caracterizada por uma divisão de trabalho mais complexa; tem uma economia monetária mais completamente desenvolvida; tem especialistas profissionais que são mais seculares e menos sagrados; tem instituições de parentesco e compadrio que são menos bem-organizadas e menos eficazes no controle social; é correspondentemente menos dependente de instituições de ação impessoal; é menos religiosa, no que diz respeito tanto a crenças e práticas de origem católica como às de origem indígena; apresenta menos tendência a encarar a doença como resultante da quebra de uma regra moral ou meramente de costumes; permite uma maior liberdade de ação e escolha ao indivíduo."

Oscar Lewis salienta que o modelo teórico do *continuum folk-urbano* era inadequado para o estudo da mudança cultural, sendo que as caracterizações como *folk*, rural e urbano confundem as questões de estudos e de mudanças a curto prazo, nunca tendo sido provado seu valor heurístico, como instrumento de pesquisa.

Oliven⁷ registra que, realizando estudos com habitantes de Tepoztlán que haviam migrado para a Cidade do México, Lewis encontrou evidências de que a urbanização não constitui um processo único, integral e universalmente semelhante, mas assume formas e significados diferentes, que dependem das condições históricas, econômicas, sociais e culturais prevalentes. Oliven também

comenta que *"subjacente aos modelos de autores como Wirth e Redfield está uma perspectiva culturalista que procura explicar a dinâmica de uma sociedade em função das representações culturais que se acredita dela fazem seus membros. Sob este ângulo, a cultura é encarada não como um fenômeno que é produzido pelos homens como resultado das relações sociais, mas como algo externo à sociedade e que seria uma espécie de variável independente. o Comportamento social passaria a ser explicado como resultado da cultura e não contrário."* O autor enfatiza que o risco desta postura está no fato de, através dela, querer explicar a situação de grupos sociais ou até de sociedades globais em função das características de sua cultura.

A teoria da modernização foi usada por vários cientistas sociais para explicar o desenvolvimento e o subdesenvolvimento de sociedades, a partir do grau de modernidade de seus membros e se constitui, segundo Oliven⁸, num exemplo significativo de culturalismo que esquece seu principal postulado, a saber, o do relativismo cultural. Procura-se então explicar a pobreza pela suposta ausência de uma "cultura urbana" ou de "atitudes modernas" parte de grupos subalternos. Oscar Lewis apoia-se em estudos realizados no México e em Porto Rico para elaborar a teoria da "cultura da pobreza", definindo-a como:

*"sua própria estrutura e lógica, um modo de vida passado adiante de geração a geração ao longo de linhas familiares. A cultura da pobreza não é somente uma questão de privação ou desorganização, um termo significando a ausência de algo. Ela é uma cultura no sentido antropológico tradicional na medida em que proporciona aos seres humanos um esquema de vida, um conjunto pronto de soluções para problemas humanos, e assim desempenha uma significativa função adaptativa."*⁹

Lewis foi muito combatido pelo conceito que criou, embora tenha ficado famoso ao criticar o modelo do *continuum folk-urbano*, de Redfield. A teoria da "cultura urbana" é de natureza psicossocial e

tem grande influência da perspectiva culturalista. Segundo Oliven, nessa perspectiva, o conceito de cultura da pobreza é considerado como uma entidade autoperpetuante numa espécie de círculo vicioso, estando subjacente a esta abordagem a imputação aos próprios membros das classes baixas de responsabilidade pela situação na qual se encontram presos.

Outra crítica à tese da cultura urbana, especialmente àquela que se baseia na diferenciação entre campo e cidade, é realizada por Dewey¹⁰, quando afirma que estas diferenças são apenas a expressão empírica de uma série de processos que produzem, ao mesmo tempo, toda uma série de efeitos específicos em outros níveis da estrutura social. Segundo este autor, há uma variação concomitante entre a evolução das formas ecológicas e das formas culturais e sociais sem que, no entanto, se possa afirmar que esta co-variação é sistemática, diretamente causal, nem que as segundas sejam produzidas pelas primeiras. A maior prova deste argumento segundo Dewey, é que pode haver difusão da cultura urbana no campo, sem que isso implique a anulação da diferença ecológica contextual.

Aprofundando as críticas em relação às hipóteses da cultura urbana, Manuel Castells¹¹ as situa em torno da problemática da ideologia urbana, definindo-a como: *"é esta ideologia específica que apreende os modos e formas de organização social enquanto característicos de uma fase da evolução da sociedade, estritamente ligada às condições técnico-naturais de existência humana e a seu quadro de vida."* Castells compreende a sociedade urbana como forma específica de organização social, sendo para analisá-la são necessários os domínios particulares da realidade no interior desta forma específica.

Segundo este autor, a história da Sociologia urbana, como disciplina que estuda esta "forma específica", demonstra a aliança estreita entre o desenvolvimento desta disciplina e a perspectiva culturalista que a sustenta. Para ele, é inaceitável a denominação "cultura urbana" a um sistema de comportamento vinculado à sociedade capitalista, principalmente porque a aceitação desta denominação sugere que estas formas culturais foram produzidas com

determinações na forma ecológica específica que é a cidade. Como fundamento à não-aceitação desta denominação, argumenta que não pode haver, na evolução das sociedades, fenômenos apreensíveis unicamente em termo físicos, por exemplo, de tamanho ou extensão, pois toda evolução da dimensão e da diferenciação de um grupo social é produto e expressão de uma estrutura social e de suas leis de transformação. Portanto, pode-se falar numa produção simultânea e concomitante de formas sociais, nas suas múltiplas grandezas e, em especial, nas suas grandezas espacial e cultural; poderemos, até mesmo, colocar em pauta o problema de sua interação, mas não partir da proposição segundo a qual uma das formas produziria a outra. Desse modo, as teses sobre a cultura urbana desenvolveram-se numa perspectiva empirista, na qual tomou-se como fonte de produção social o que era, na realidade, o seu contexto.

Castells afirma, ainda, que a cultura urbana não pode ser aceite nem como teoria nem como conceito; ela é um mito, pois narra, ideologicamente, capítulos ou parcelas da experiência humana, conforme pode ser observado a seguir:

*"... se é óbvio que há especificidades culturais nos variados meios sociais, também é evidente que a divisão não passa mais pela separação entre Cidade e Campo, e a explicação de cada modo de vida exige que a articulemos ao conjunto de uma estrutura social, em lugar de nos atermos tão somente à pura correlação empírica entre um conteúdo cultural e sua localização espacial, pois o que está em questão é simplesmente a análise do processo de produção social dos sistemas de representação e de comunicação, ou, se preferirmos da superestrutura ideológica."*¹²

Por outro lado, estudos realizados em países da América Latina têm demonstrado, segundo Oliven¹³ que os processos sociais que se verificam nas cidades deste continente são bem mais complexos do que às vezes se imagina. As análises têm indicado que não há uma sequência linear, mas, uma multiplicidade de processos sociais ocorrendo no contexto urbano da América Latina. Para o referido

autor, longe de haver uma homogeneização cultural que se distribui uniformemente por todas as áreas de envolvimento social, o que se constata é uma variedade de práticas e orientações sociais e culturais. Subjacente àquilo que é considerado, de uma forma não-questionada, uma uniforme cultura de massa urbana, muitas diferenças se escondem.

3. O CONTEXTO URBANO COMO OBJETO MUSEOLÓGICO - RECONSTITUINDO UM PERCURSO HISTÓRICO

Na década de 60, a Europa presencia e participa do movimento para a democratização da cultura, produzindo mudanças substanciais nas estruturas das instituições culturais existentes, dentre elas, o museu.

Na segunda metade deste século, os museus, tanto americanos como europeus, começam a se preocupar e a incorporar as lutas pela preservação do meio ambiente. O conceito de patrimônio é revisto e ampliado, englobando-se o meio ambiente, o saber e o artefato. Essa nova conceituação faz com que as discussões em torno da preservação sejam retomadas, contribuindo para o surgimento de novas categorias de museus e para a construção de pressupostos museológicos, até então desconhecidos.

Nesse, contexto de reflexões e novas propostas, merece destaque o surgimento, em 1968, do Museu de Anacostia, subúrbio marginalizado da Cidade de Nova York, onde as condições de vida eram bastante precárias. Em meio das condições deficientes de vida, um problema se destacava: a proliferação de ratazanas. Era necessário que a população conhecesse aspectos da vida desses animais para que fosse encontrado o meio mais adequado para combatê-los. Dentre as medidas adotadas, mereceu destaque a criação do museu das ratazanas, que foi instalado em um teatro abandonado no bairro, onde a área do palco foi isolada e colocou-se um vidro, transformando-o em uma grande jaula, onde as ratazanas se reproduziam em liberdade. No "hall" de entrada do teatro, foram colocados painéis, onde eram expostos materiais ilustrativos onde se explicavam as doenças que

podiam transmitir-se através das ratazanas, seus perigos e formas de combate. Comentando sobre as actividades do Museu de Anacostia, Varine-Bohan¹⁴ registra que *"este modelo constitui um dos exemplos mais claros de utilização de técnicas museológicas para obter a solução duma problemática social e urbana"*; através do isolamento de um aspecto parcial da vida cotidiana, foi possível conscientizar os residentes de Anacostia acerca do perigo que as ratazanas representam e da necessidade de melhorar a higiene individual e coletiva.

Alguns eventos, organizados com o objectivo de repensar a acção social dos museus no mundo contemporâneo, devem ser destacados como marcos, no sentido de levantar questões e apontar alguns caminhos com o objetivo de tornar o museu um espaço onde passado e presente estejam em permanente tensão e avaliação. A IX Conferência Geral do ICOM, realizada em Paris e Grenoble, em 1971, por exemplo, teve como tema principal "O Museu a Serviço do Homem. Atualidade e Futuro". Vários pontos foram levantados como referenciais que apontavam para a existência de uma crise nos museus, sobretudo em relação ao seu envolvimento com o público, notadamente o seu distanciamento dos problemas sociais.

A Mesa Redonda realizada em Santiago do Chile, em 1972, e considerada como um marco no processo de transformação da museologia, sobretudo, por ter colocado em evidência a prioridade da acção museal no campo da intervenção social, abrindo espaço para um repensar global da museologia. Através das reflexões ali realizadas, foi feito um balanço realista do desenvolvimento material e cultural, a nível mundial. Reconheceu-se o desajuste entre o desenvolvimento geral da civilização, causado pela crescente utilização de meios tecnológicos e o desenvolvimento cultural, aumentando o fosso que separa as regiões com grande crescimento material e as regiões de periferia, considerando-se ainda que grande parte dos problemas da sociedade contemporânea são ocasionados por injustiças.

Em Santiago, são, então, delineadas as bases para que a museologia venha a ter uma atuação ativa nos processos de transformação social, econômica e cultural, sendo necessário, para tanto, a constituição de um novo museu. Para Moutinho¹⁵, esse novo

museu, denominado por "museu integral", *"é uma instituição ao serviço e inseparável da sociedade que lhe dá vida. Capaz de estimular em cada comunidade uma vontade de ação, aprofundando a consciência crítica de cada um dos seus membros. Buscando os fundamentos da ação nas condições históricas de desenvolvimento de cada comunidade."*

Os problemas urbanos foram tratados pelos participantes da Mesa Redonda de Santiago com bastante atenção, recomendando-se que, através dos museus, sejam realizadas ações, com o objetivo de solucioná-los. Do documento básico, elaborado naquele encontro, destacam-se os seguintes aspectos:

a) que nos "museus de cidade" se enfatize, de maneira especial, o desenvolvimento urbano e seus problemas, tanto a nível das exposições como a nível das investigações;

b) sejam realizadas exposições especiais abordando problemas relacionados ao desenvolvimento urbano contemporâneo;

c) sejam instalados museus e exposições nos bairros das cidades e nas zonas rurais, com apoio dos grandes museus, com o objetivo de informar às populações sobre as vantagens e desvantagens oferecidas pelas grandes cidades.¹⁶

A insatisfação com o modelo de museu tradicional motiva então vários profissionais da área da museologia a apontar novos caminhos e a registrar a necessidade de um maior envolvimento dos museus, no sentido de assumir o compromisso com o desenvolvimento social. Nas duas últimas décadas, os museus foram e continuam sendo objeto de várias críticas e questionamentos que apontam para a necessidade de transformações em sua concepção como instituição cultural, carregada de conteúdo político e ideológico. Vários são os autores que chamam a atenção para a necessidade de transformação, sobretudo exigindo um maior envolvimento com os problemas da vida contemporânea.

D.F. Cameron¹⁷ sugere que "o museu deveria abandonar seu silêncio diante da sociedade que o mantém e abordar o movimento, sobretudo o conflito, deixando de se o Templo para ser o Fórum." Comentando a proposta de Cameron, Schvasberg¹⁸ destaca que o museu como Fórum deveria combinar dois tipos de acervo: "um acervo **institucional** - objetos e coleções abrigados por força de uma situação jurídico-formal de propriedade ou cessão eventual - incorporar-se-ia um acervo **operacional**, articulando o conjunto do patrimônio cultural e ambiental da região onde se insere o Museu: meio ambiente físico, estruturas urbanas, edifícios, festas, jogos e costumes, e todos os demais produtos sociais." A análise, o estudo e a divulgação desse acervo, segundo Marlene Suano¹⁹, iria tornar o museu "um pólo irradiador de conhecimento da cidade e da região e, no sentido inverso, captador de questões e fórum por onde passaria a sua discussão e encaminhamento."

Tag Hoyer Hansen²⁰, chamando a atenção para o isolamento dos museus em relação aos problemas existentes no meio urbano, apresenta algumas sugestões de ações que poderiam ser executadas:

"Os museus devem deixar de ser passivos colecionadores, para se tornarem participantes ativos nas transformações da sociedade. Eles não devem simplesmente empregar novos métodos, mas devem ser um novo intermediário destemido, encarando de frente os problemas complexos e crescentes, como o racismo, o crescimento material, a pobreza, a carência de habitação, desemprego, drogas, deterioração das cidades, planejamento urbano, educação, todos os aspectos relativos à existência humana procurando encontrar as respostas.

As exposições devem ser projectadas de forma a apresentarem estas controvérsias, lado a lado, correlacionando problemas comuns, rotineiros com os fatos históricos. Nossos museus devem estar muito mais à frente das mudanças do que preservando simplesmente."

As décadas de 70 e 80 foram marcadas por trabalhos museológicos inovadores, desenvolvidos em vários países, embora ainda não houvesse um intercâmbio internacional entre os diversos projetos, naquele período. Destacaram-se as atividades de George Henri-Rivière e de Hugues de Varine, presidentes do Conselho Internacional de Museus, que estabeleciam relações entre agentes organizadores de diferentes projetos em um mesmo País ou entre países diferentes. O desenvolvimento da "nova museologia" deu-se, então, através de ações isoladas, em contextos bastante diversificados.

Nesse novo contexto, não pode deixar de ser destacado o surgimento dos ecomuseus, que foram o produto da insatisfação dos profissionais da área da museologia em busca de transformações, tentando afirmá-lo, em realidades bastantes diversificadas, como instrumento necessário à sociedade: um património global. Bellaigue²¹ destaca os aspectos a seguir relacionados, como princípios básicos para constituição de um ecomuseu:

- identificar um território e seus habitantes; inventariar suas possíveis necessidades e seus anseios;

- aceitar que não é necessária a existência de uma coleção para que seja instalado o museu e, neste aspecto, a concepção da instituição será no sentido; *comunidade-museu* e não *objeto-museu*, como antes se concebia.

Destaca, ainda, a referida autora, que é necessária a definição coerente do território, para que seja possível a comunicação entre a população e o museu, que o processo de inventário seja realizado envolvendo todo o património cultural e natural, a gestão administrativa bem como o desenvolvimento das ações culturais e educativas sejam levadas a cabo, através da participação dos técnicos e dos diversos grupos comunitários.

Graças às ações de Pierre Mayrand e de René Rivard, ambos participantes do grupo de ecomuseus de Quebec, em 1984, foi realizado, em Quebec, o primeiro Seminário Internacional, destinado a

discutir Ecomuseus e Nova Museologia. O referido seminário tinha como objetivos:

a) criar condições de intercâmbio para discutir assuntos relacionados à nova museologia e à ecomuseologia em geral;

b) definir as suas relações com a museologia em geral;

c) aprofundar os conceitos e encorajar as práticas relacionadas com a ecomuseologia e com a nova museologia.

Todas as propostas de reflexão deste seminário tiveram como base o extrato da declaração de Santiago, a seguir:

"Que o Museu é uma instituição ao serviço da sociedade na qual é parte integral e que possui em si próprio os elementos que lhe permitem participar na formação das consciências das comunidades a que serve."

Como resultado final do Seminário de Quebec, os participantes firmaram os seguintes pontos:

1 - A museologia atua com vista a uma evolução democrática das sociedades;

2 - A intervenção dos museus no quadro desta evolução passa por um reconhecimento e uma valorização das identidades e das culturas de todos os grupos humanos, inseridos no seu meio ambiente no quadro da realidade global do mundo. E por uma participação ativa destes grupos no trabalho museológico.

3 - Existe um movimento caracterizado por práticas comuns, podendo assumir formas diversas em função dos países e dos contextos, que deverão conduzir a emergência de um novo tipo de museu correspondente a estas novas perspectivas.

4 - Nestas condições, a interdisciplinaridade e a função social conduzem a uma mudança no papel e da função do museólogo, o que implica uma formação neste sentido.

Comentando sobre os pressupostos básicos da "Nova Museologia", Moutinho²² recomenda que ela deve ser considerada, pelas pessoas integradas nesse processo, como meio agente (agente, instrumento), a par de outros, de desenvolvimento integral das populações e com as populações. Considera que o que há de novo nas práticas de "Nova Museologia" é a demonstração da capacidade (e a prática disso) de as populações se auto-organizarem para gerir o seu tempo e o seu futuro. Destaca o referido autor que *"a concepção, o desenrolar a avaliação dos projetos da "Nova Museologia", dependem sempre de uma percepção correta das condições históricas e ambientais locais em que a intervenção se realiza, e que não a entende como uma ruptura epistemológica fundamental no campo museológico, mas como a adaptação do que é específico do trabalho museal às novas condições a que os museus pré-existentes nem sempre (ou quase nunca) foram capazes de responder eficazmente."*

4. O MUSEU NO BAIRRO, O BAIRRO NO MUSEU: UMA PROPOSTA DE AÇÃO

No Brasil, observamos estágios diferenciados de dinamização e interação dos museus com a sociedade; há instituições museológicas que não ultrapassaram ainda a fase de armazenamento, do aspecto de gabinete de curiosidade, esperando que um visitante despretenhoso o aprecie e se deleite com as raridades que ali estão preservadas para a posteridade. Infelizmente, esses museus ainda existem em grande número, confirmando, perante a sociedade, o seu descaso, a sua falta de reflexão, de avaliação, de adaptação, enfim, às novas exigências da comunidade e, conseqüentemente, aos objetivos que a instituição deve alcançar no momento presente.

Todas as reflexões a respeito das propostas da "Nova Museologia", abordadas no item anterior, têm nos levado a acreditar que a museologia não está relacionada somente com as ações que estão sendo desenvolvidas nos espaços fechados dos museus tradicionais, mesmo porque, mais do que preservar de forma distante e saudosista, devemos é nos apropriar do nosso patrimônio, contribuir para que a identidade seja vivida, na pluralidade e na ruptura, encarar de frente o fato de que o coletar, o conservar, o restaurar, o documentar e o expor, na maioria das vezes, estão se tornando a nossa finalidade última.

Portanto, quais os aspectos que deveriam ser repensados em busca de uma ação museológica a ser desempenhada em um País da América Latina, onde o cólera, a miséria, o analfabetismo imperam? Qual o nosso compromisso com essa realidade?

No momento presente, estamos elaborando uma proposta de museu didático comunitário no Bairro de Itapuã, onde pretendemos trabalhar juntamente com professores e alunos do Colégio Lomante Júnior e com a comunidade do Bairro de Itapuã, na Cidade do Salvador, buscando, conjuntamente, a preservação que será efectivada, considerando os fenômenos sociais em sua "dinâmica real", interpretando-os em sua origem, vigência e transformação. Nesse sentido, deverão ser levados em conta sobretudo, as

características dos diversos grupos sociais envolvidos no projecto, considerando principalmente as diversidades culturais - as diferentes maneiras humanas de ser, de estar no mundo, de viver, de valorar e de se expressar por meio de diversas linguagens.

Para esse novo fazer museológico, estamos nos apoiando na concepção antropológica de património, não mais admitindo os limites estéticos que antes lhe eram impostos, entendendo, também, a cultura em uma concepção ergótica e processual, como tão bem enfatiza Bosi²³:

"A cultura como ação e trabalho. Se a cultura é uma soma de objetos que as pessoas têm ou herdaram, as pessoas ricas a têm e as pessoas pobres não a têm. A cultura dos pobres seriam um nada, eles precisariam obter aqueles bens para serem cultos. O que é oposto à idéia de trabalho, porque nesta todos têm acesso à cultura: não se trata mais de um problema de classe, o ser humano será culto se ele trabalhar, e é a partir do trabalho que se formará a cultura. É o processo e não a aquisição de objeto final que interessa."

É interessante registrar que, embora existam pontos comuns entre os diversos projetos por nós executados no Curso de Museologia e as ações propostas na "Nova Museologia", como destacaremos a seguir, não houve, entretanto, em nenhum momento, o pareamento de um modelo, mesmo porque acreditamos que é impossível a aplicação de um modelo sem a devida redução social. A escassez de bibliografia e a ausência de uma prática voltada para o intercâmbio de experiências, tanto no interior do País como de outros países com a nossa realidade, têm nos conduzido a um certo isolamento. Não podemos afirmar, categoricamente, que o projeto de instalação de um museu didático comunitário em Itapuã possa ser denominado de ecomuseu, mas, por certo, podemos destacar alguns aspectos que nos aproximam dos objetivos da "Nova Museologia", dentre os quais destacamos os seguintes:

a) o entendimento de que a cultura é um processo social de produção ao invés de um "acto espiritual", expressivo ou criativo;

b) A utilização da memória coletiva como referencial básico para o entendimento e transformação da realidade;

c) Atuação em um território, planejando e executando ações conjuntas com as comunidades, levando-se em consideração seus anseios e suas possibilidades, estimulando-as a encontrar seus meios e seus fins;

d) Utilização da memória preservada, testemunho da História entendida como forma de existência social, nos seus diversos aspectos: social, político, económico e cultural, bem como o seu processo de transformação, contribuindo para a formação do cidadão;

e) Contribuir para a apropriação e reapropriação do património e para que a identidade seja vivida, na pluralidade e na ruptura;

f) Desenvolvimento de ações museológicas, considerando como ponto de partida a prática social, e não as coleções; estamos nos afastando dos objetos e nos aproximando da vida;

g) Execução de atividade onde a relação homem-natureza se dá de forma integrada. Homem e natureza se completam reciprocamente;

h) Consciência de que é necessária uma nova postura museológica comprometida com a transformação e com o desenvolvimento social;

i) Contribuir para que o cidadão, desde a sua formação básica, possa:

- ver a realidade
- expressar a realidade, expressar-se e
- transformar a realidade.

Para analisarmos o contexto urbano como objeto museológico, portanto possível de ser musealizado, é necessário definirmos a cidade como forma, como lugar de forças sociais, como imagem; a cidade como artefato, coisa feita, fabricada pelo homem, segmento do universo material socialmente apropriado pelo homem. Ulpiano Bezerra de Menezes²⁴, ao definir a cidade como um artefato, registra que todo artefato é, ao mesmo tempo, produto e vetor de relações

sociais. Sendo assim, a cidade é também lugar onde agem forças múltiplas: produtivas, territoriais, de formação e pressões sociais etc. Entretanto, para o referido autor, estas duas imagens, ou seja de *artefacto* e de lugar *onde agem forças múltiplas*, não esgotam a realidade da cidade, porque a cidade é também a *imagem da cidade*, que se vincula a um fato social dinâmico de produção, circulação e consumo de determinados bens urbanos. Salienta que o nível específico do fato social em causa é o das significações e dos bens simbólicos. Ao chamar a atenção para o fato de que as representações urbanas não constituem mera expressão psicológica ou espiritual, nem estrito ato cognitivo, mas um dos componentes da prática social global, que inclui o universo de valores, aspirações, legitimações e critérios de inteligibilidade, Ulpiano destaca que se falar em simbólico urbano é falar em ideologia. Para Castells²⁵, só há simbólico urbano "*a partir da utilização das formas espaciais como emissoras, mediadoras e receptoras das práticas ideológicas gerais*".

Nesse sentido, a proposta de um museu didático comunitário no Bairro de Itapuã é abordar o bairro como forma, como lugar de ação de forças sociais e como imagem. O objeto do museu será o que é o bairro e a sua relação com o contexto da Cidade do Salvador, enquanto fenômeno que a análise científica recuperará e interpretará; portanto, não será excluída a cidade de hoje, o bairro de hoje, com suas contradições, pois ambos só poderão ser compreendidos dentro de uma perspectiva histórica.

Quanto ao acervo a ser trabalhado, podemos identificá-lo como acervo *institucional* e acervo *operacional*. O acervo *institucional* será formado, gradualmente, levando-se em consideração os contextos sociais e históricos que as peças documentam, levantando-se as demais referências desses contextos, considerando-se valores modestos, anônimos, sem relevância estética, ou de ineditismo, mas que são capazes de, por seu intermédio, revelar as tendências de determinados processos históricos. Será pois considerada, de vital importância, nesse sentido, toda a produção cultural que se refira ao universo do cotidiano e do trabalho. Ao acervo institucional, seriam também inclusos: material arquivístico e iconográfico, fotografias,

plantas, maquetes, depoimentos e testemunhos de várias naturezas, bem como toda a documentação urbana, coletados através de pesquisas sociológicas, históricas e antropológicas. Quanto ao acervo *operacional*, serão considerados a paisagem, estruturas, monumentos, equipamentos, áreas e "*objetos sensíveis do tecido urbano, socialmente apropriados, percebidos não já na sua carga documental, mas na sua capacidade de alimentar as representações urbanas*"²⁶.

Não queremos "rotular" o nosso trabalho e nem acompanhar determinados modismos, que são tão comuns em nossa área, como, por exemplo, a época dos memoriais; dos museus de indústria e empresas, das casas de cultura, dos denominados ecomuseus, apesar de concebidos, construídos e geridos sem a participação comunitária etc., todos eles, na maioria das vezes, impostos à sociedade, para demonstrar, prestígio político, sendo projetados em muita conformidade com valores alheios à nossa realidade, traduzindo-se em muita submissão as formas estranhas às nossas especificidades culturais, servindo muito adequadamente como ponto de afirmação dos interesses de uma classe dominante.

Acreditamos que o que mais nos aproxima do "Movimento da Nova Museologia" é a consciência de que é necessária uma nova postura museológica comprometida com o desenvolvimento social e com a transformação; uma museologia que encare, de frente, questões urbano-metropolitanas, como problemas habitacionais, especulação imobiliária, trabalho e desemprego, transporte, condições sanitárias, abastecimento, poluição, etc.

Temos consciência de que é necessário buscar, no nosso dia-a-dia, com a participação dos diversos segmentos da sociedade, a identificação do nosso território, da nossa população, dos seus interesses, da sua relação com o patrimônio cultural e natural e, conjuntamente, construirmos a museologia que se faz com a vida e não simplesmente com os objetos. O fundamental, no nosso entender, é a maturidade para encontrar nos referenciais apontados pela "Nova Museologia" e possíveis de serem aplicados, em nossa realidade, com a devida redução social, as possibilidades de crescimento e transformação, sem perder de vista a necessidade de realizar uma

constante análise sobre as conseqüências históricas produzidas através das ações que estão sendo efetuadas.

5. REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

1. SPENGLER apud SCHVASBER, Beni. Espaço e Cultura, Equipamentos Colectivos, Política Cultural e Processos Urbanos. Dissertação apresentada ao Mestrado do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano Regional da UFRJ. Rio de Janeiro, 1989.
2. OLIVEN, Ruben George. *Antropologia de Grupos Urbanos*. Petrópolis, Vozes, 1992.
3. WIRTH, Louis. O urbanismo como forma de vida. In: *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.
4. REDFIELD, Robert and SINGER, Milton. The Cultural Role of Cities in Economic Development and Cultural Changes. Mimco., 1959.
5. SCHVASBERG, Beni. Op. cit., p. 14.
6. REDFIELD, Robert apud OLIVEN. Op. cit., p. 15.
7. OLIVEN, Op. cit., p. 19.
8. Ibid., p. 18.
9. LEWIS, Oscar apud OLIVEN. *Antropologia de Grupos Urbanos*. Petrópolis, Vozes, 1992, p. 18.
10. DEWEY, R. The Rural-Urban Continuum. In: American Journal of Sociology. Apud: Castells. *A Questão Urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, p. 105.
11. CASTELLS, Manuel. *A Questão Urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, p. 99.
12. Ibid., p. 111.
13. OLIVEN. Op. cit., p. 49.
14. BOHAN, Varine. *Os Museus no Mundo*. Rio de Janeiro: Salvat., 1979, p. 97.
15. MOUTINHO, Mário, C. *Museu e Sociedade*. Monte Redondo: Museu Etnológico, 1989, p. 31.
16. *Noticiário Mensal del Museo Nacional de História Natural*. Santiago, p. 190, 1972.

17. CAMERON, D. F., The Museum: a temple or the Fórum? *Revista Curator*, n. 19(1), 1971.
18. SCHVASBERG. Op. cit., p. 17.
19. SUANO, Marlene. *O que é Museu*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 73.
20. HANSEN, Tag Hoyer. The Museum as Educator. *Museum*. Paris, Unesco, n. 144, p. 176, 1984.
21. BELLAIGUE, Mathilde. From the Integral Museum to an Integrated. *Museum*. Mimeo.
22. MOUTINHO, Op. cit., p. 61.
23. BOSI, Alfredo. Cultura Brasileira como Tradição. In: *Cultura Brasileira Tradição e Contradição*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987, p. 39.
24. MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Cultura e Cidades. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, n. 5, 1985.
25. CASTELLS, Op. cit., p. 111.
26. MENESES. Op. cit., p. 3.

6. BIBLIOGRAFIA

- A HISTÓRIA NOVA, sob a direção de Jaques Le Goff. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BARBALET, J. M., *A Cidadania*. Lisboa: Editora Estampa, 1989.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *As culturas Populares no Capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CONTEXTO E EDUCAÇÃO*. Ijuí: Livraria UNIJUI, n. 5, jan/mar, 1987.
- N. 6, abr/junho, 1987.
- N. 12, out/dezembro, 1988.
- ECO, Umberto. *Viagem na Irrealidade do Cotidiano*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- FREITAG, Bárbara. *Política Educacional e Indústria Cultural*. São Paulo: Cortez, 1989.

-
- ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- SANTOS. M^a Célia T. M. *Museu, Escola e Comunidade: uma integração necessária*. Brasília: Ministério da Cultura. Sistema Nacional de Museus; Salvador: Bureau, 1987.
- *Integrando a Escola ao Bairro*. Salvador: Instituto de Estudos e Pesquisas em Educação, 1990.
- *Repensando a Ação Cultural e Educativa dos Museus*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1990.
- SILVA, Sylvio C. Bandeira de Mello. *Urbanizaçãodo Estado daBahia: evolução e dinâmica*. Salvador, Centro Editorial e Didático da UFBA, 1989.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- WILHEM, Jorge. *Urbanismo no Desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Editora Saga, 1969.